

Tema – Concepções de Deficiência, Escola e Educação Especial: Estratégias para o Trabalho Educacional das Diferentes Áreas

Projeto	Pós-graduação
Curso	Psicopedagogia Clínica e Institucional
Disciplina	Educação Inclusiva
Tema	Concepções de Deficiência, Escola e Educação Especial: Estratégias para o Trabalho Educacional das Diferentes Áreas
Professora	Liliane Salles

Introdução

Nesta temática, abordaremos a escola como espaço de aprendizagem; as concepções sobre deficiência; e as estratégias para o trabalho educacional diante das diferentes áreas (surdez, visual, intelectual, TGD, deficiência física neuromotora e Altas Habilidades/Superdotação).

Assim, você poderá analisar as estratégias pontuadas para cada área e desenvolver melhorias diante de sua realidade escolar, além de enriquecer seus conhecimentos frente ao processo inclusivo e ampliar as possibilidades de um trabalho mais efetivo e com qualidade.

Agora, acesse seu material digital e assista ao vídeo de introdução da professora Liliane.

Problematização

Belinda e Rafael têm dois meninos com autismo. Receber um diagnóstico de autismo é difícil, em grande parte porque não há registro, até o momento, de um tratamento aceito universalmente. O profissional que faz o diagnóstico não diz: “Ele tem autismo. Você deve fazer isso”. Aos pais resta

pesquisar diferentes intervenções por conta própria, e grande parte escolhe fazer tratamentos sem muita recomendação profissional.

Imagine-se dentro de um labirinto, no qual o bem-estar de seu filho está na sua capacidade de caminhar com sucesso dentro dele. Você está sendo cronometrado e as penalidades por permanecer lá dentro são severas, e na entrada de cada corredor há um segurança no portão que cobrará de você o tempo e o dinheiro.

Os corredores mais promissores são muito onerosos; outros têm longas filas proibitivas de pessoas esperando entrar. Várias portas de corredores são convidativas, porém, depois que você investe tempo e dinheiro, chega ao fim seus resultados. A surpresa é que para muitos o labirinto nunca acaba e você pode esperar apenas chegar o mais próximo possível do prêmio da aposta.

Desde que o primeiro filho de Belinda e Rafael foi diagnosticado com autismo, há 2 anos, eles têm investigado a Análise Aplicada do Comportamento, a Terapia da Fala, a Terapia Ocupacional, a Terapia Musical, a Terapia da Integração Auditiva, a Terapia Artística e a Terapia Aquática. Além disso, eles pesquisaram sobre a Equoterapia, a terapia com golfinhos, o Sistema de Comunicação por Troca de Figuras, a terapia com megavitamina e quelatina, os tratamentos antifúngicos, o inibidor de serotonina e secretina, os agentes antifermentação e as dietas livres de glúten e caseína.

Assim, os filhos do casal foram testados quanto à anormalidade cromossômica, alergias, envenenamento por chumbo e mercúrio. Belinda e Rafael também procuraram um médico que prescrevia refinador de sangue para as crianças com autismo.

Depois de 2 anos procurando a saída do labirinto, o casal não tentou métodos que poderiam ser potencialmente prejudiciais aos filhos, pois tinham certeza das escolhas que seriam benéficas a eles dentro do comprometimento familiar. O mais importante é que Belinda e Rafael aprenderam a ignorar o momento presente do relógio e entenderam que o sucesso em qualquer idade ainda é sucesso.

Com todo esse relato acerca do autismo, como você, professor, reagiria dentro desse labirinto e como atenderia um aluno com autismo em sala de aula?

A escola como espaço de aprendizagem

Nos dias atuais, pensar, conceituar e refletir sobre a complexidade da educação é tarefa de quem acredita nesse processo e busca desenvolver um trabalho educacional apropriado para atender à diversidade; à abrangência deles e suas significações; à ação docente e suas implicações nos contextos sociais, culturais e produtivos da sociedade contemporânea.

A escola é o local formal de aprendizagem representada por uma comunidade educativa, na qual tanto poderes públicos quanto alunos, professores, pais, responsáveis e sociedade compartilham e participam de um sistema de ensino com heranças culturais advindas de cada ser humano.

Podemos pensar, então, que a escola é uma instituição altamente burocratizada e que, por delegação ministerial (estatal), tem a missão de educar?

Bom, a escola é uma organização/instituição de aprendizagem que tem por objetivo culturalizar os sujeitos por meio dos conhecimentos e também colocá-los na sociedade para que possam buscar sua participação efetiva diante de seus direitos e o cumprimento de seus deveres. Assim sendo, esse lugar chamado escola deve expandir constantemente sua capacidade de criar seu futuro, pois o ato de aprender é também o ato de viver.

Por isso, é importante observarmos a instituição escolar com a missão estratégica de ousar, opondo-se àquelas que não têm visão de futuro e que carregam pesados fardos da tradição e de estruturas voltadas ao insucesso e sem projetos.

A escola, hoje, precisa ousar e buscar constantemente sustentações teóricas e práticas para construir uma escola chamada inclusiva, que aceite as diferenças, enxergue as capacidades dos alunos, experimente novos projetos e

novas metodologias, sem medo de mudar. Ou seja, precisamos sair do comodismo e alçar novos voos, conquistar novos espaços.

Muitas escolas ainda trabalham com o processo do ensinar e aprender em um contexto tradicional, que delimita aos alunos o acesso ao conhecimento com modelos prontos e acabados, padronizando espaços a cada um dos sujeitos que ali se encontram.

É preciso dar a possibilidade de os alunos serem autores do seu próprio pensar, buscando novas estratégias para avançar, pois não existe um padrão de encaixe possível a todos os alunos para a aquisição de conhecimentos.

Faça uma reflexão assistindo ao vídeo “Quando a escola é de vidro”, da escritora Ruth Rocha. Para acessá-lo basta entrar no *link*: <<http://www.youtube.com/watch?v=V3Hvy85Rxbg>>.

Na sequência, sugerimos que você assista ao vídeo da professora Liliane, para saber o que ela tem a dizer sobre o texto apresentado no vídeo e sobre a autora.

A mudança na educação depende da disponibilidade dos envolvidos e da vontade de mudar, pois o crescimento pessoal e profissional é determinante em cada ser humano que busca atingir seus objetivos e ampliar sua bagagem cultural. Todo processo de conhecimento é, ao mesmo tempo, um processo histórico sujeito à reelaboração contínua, sendo preciso refletir o que se tem de novo na política e na sociedade.

Por isso, hoje, precisamos de uma escola aberta às diferenças e um professor que queira revisar sua metodologia, que crie estratégias de trabalho mais próximas da realidade dos alunos, que reorganize as bases de todo o seu saber acumulado historicamente e esteja disposto a aprender sempre, considerando-se um eterno aprendiz.

Atualmente, a escola busca construir uma educação inclusiva, ou seja, um processo educacional diante das diferenças que precisa ser entendido e atendido socialmente. Entretanto, para que isso aconteça, a escola necessita reorganizar-se, priorizando espaços de aprendizagem cooperativo e inclusivo,

com diálogo e reflexão. Nesse contexto, devemos considerar professores, gestores, coordenadores, alunos, familiares, entre outros, exercendo um trabalho colaborativo, pois só assim conseguiremos avançar na prática pedagógica e atender os alunos com e sem necessidades educacionais especiais.

Como o ato de educar é um processo complexo, ele precisa oportunizar a construção de conhecimentos, códigos, crenças e valores que dignifiquem a existência humana, assim sendo, a educação precisa manter diálogos constantes, com atividades de aprendizagem interativa, colaborativa e cooperativa que subsidiem os sujeitos na construção de sua autonomia para uma comunidade educativa e também social.

Então, qual é o nosso desafio na escola?

O nosso desafio é adotar uma visão mais ampla do ato educativo e trabalhar com novas linguagens e novos paradigmas, uma vez que as mudanças não são somente de cunho acadêmico e cognitivo, mas, também, de cunho pessoal, emocional, cultural, ecológico, social e político.

A escola deve enxergar as possibilidades da compreensão humana, do saber, organizando visões integrativas, dinâmicas, complexas, complementares e, até mesmo, solidárias, as quais estejam voltadas para as inter-relações que se criam no ambiente escolar, por meio da produção de saberes e conhecimentos multidimensionais com consciências reflexivas.

Como nos diz Zabalza (2000), “nenhuma educação terá sentido se não estiver comprometida com valores”, porque são eles que refletem as sensibilidades particulares que se deve ter em relação ao processo educacional.

Importante: a escola inclusiva precisa tecer em seu entorno uma teia que agrega, além de conhecimentos, a defesa dos direitos humanos.

Concepções sobre deficiências

Você já se deparou com alunos que apresentam deficiências,

Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD) e Altas Habilidades/ Superdotação (AH/SD) em sala de aula?

Essas pessoas são público-alvo da Educação Especial e, por isso, é preciso entrar no paradigma da diversidade para que possamos:

- Evitar rótulos e enxergar o sujeito como ser humano;
- Entender o que é uma necessidade educacional especial;
- Entender o que é uma deficiência, tanto temporária quanto permanente;
- Dar respostas educativas por meio de práticas, tentando remover barreiras diante da aprendizagem;
- Mostrar aos sujeitos que é possível aprender e crescer por meio de um conjunto rico e variado de interações, com atividades e acontecimentos da vida real;
- Aprimorar as relações interpessoais e buscar desenvolver um trabalho tão normal quanto possível;
- Aplicar novas estratégias e atividades que sejam produtivas a todos;
- Estabelecer, também, modelos colaborativos que permitam à equipe técnica e pedagógica participar efetivamente do contexto escolar.

Portanto, é necessário que a instituição escolar também conheça um pouco mais sobre as pessoas com deficiências e estabeleça procedimentos metodológicos que possam dar respostas educativas mais próximas à necessidade educacional especial de cada um, favorecendo a todos os alunos.

Agora falando um pouco do termo **deficiência**, muitos são os conceitos envolvidos, pois existem ainda imprecisões quanto à terminologia utilizada no modelo médico e social, sem contar que muitos conceitos são relacionados à incapacidade e, até mesmo, à desvantagem.

A incapacidade, por exemplo, é a restrição de uma habilidade para desenvolver atividades consideradas normais diante do ser humano, o que pode ser a dificuldade de dar respostas diante de fragilidades psicológicas,

físicas, sensoriais etc., as quais refletem diretamente nos comportamentos essenciais a nossa vida (AMIRALIAN, M. L. T. *et al.*, 2000). Já a desvantagem é a limitação que o sujeito possui impedindo-o de desempenhar funções dentro das expectativas de seu grupo social, que pode ser relacionada também às dificuldades hábeis importantes para sua sobrevivência.

No caso da deficiência, esta pode ser entendida como a perda ou deformidade da estrutura física ou anatômica e das funções psicológicas, que podem ser temporárias ou permanentes, incluindo-se nesse conjunto uma doença mental, a perda de um membro do corpo, uma lesão cerebral, nascer com seis dedos em uma das mãos etc., portanto, a deficiência é uma perturbação de um estado patológico (AMIRALIAN, M. L. T. *et al.*, 2000).

É importante lembrar que na perspectiva da Educação Inclusiva serão atendidas no Ensino Comum as necessidades educacionais especiais dos alunos que apresentarem deficiências, TGD e AH/SD.

Nos marcos políticos-legais da Educação Especial na Perspectiva Inclusiva (2011), as definições sobre deficiências devem ir além de meras categorizações (deficiências, síndromes, transtornos), já que os sujeitos modificam-se a cada dia, alterando o contexto do qual fazem parte. Isso quer dizer que ambientes heterogêneos facilitam a aprendizagem.

Vamos entender, agora, cada grupamento dentro da concepção das deficiências elencados no referido documento:

A pessoa com deficiência é aquela que tem impedimentos a longo prazo de natureza física, mental ou sensorial que em interação com diversas barreiras podem ter restringida sua participação plena e efetiva na escola e na sociedade.

Os alunos com Transtornos Globais do Desenvolvimento são aqueles que apresentam alterações qualitativas das interações sociais e recíprocas e na comunicação, um repertório de interesses e atividades restritos, estereotipados e repetitivos (Autismo, Síndrome do Espectro Autista e Psicose Infantil).

As Altas Habilidades/Superdotação tem-se que são os que demonstram potencial elevado em qualquer uma das seguintes áreas isoladas ou combinadas: intelectual, acadêmica, liderança, psicomotricidade e artes, além de apresentar grande criatividade, envolvimento na aprendizagem e realização de tarefas em áreas de seu interesse (BRASIL, 2011, p. 21).

Agora, assista ao vídeo com a professora Liliane, em que ela fala sobre as estratégias que devem ser utilizadas para as diferentes áreas da Educação Especial. O vídeo está disponível no material digital.

As estratégias para o trabalho educacional diante das diferentes áreas

Nesse contexto, apresentaremos as áreas da Educação Especial para esclarecer quem são os sujeitos de cada uma delas e elencaremos algumas estratégias que podem ser aplicadas para auxiliar o trabalho pedagógico em sala de aula, considerando questões metodológicas e avaliativas.

Área da surdez

Essa área traz o surdo como aquele que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Importante: um bom trabalho pede mudança na forma de comunicação com o aluno, por isso é sempre bom usar vídeos e recursos visuais de apoio – como o alfabeto manual, os desenhos, as fotos, os cartazes –, além, é claro, de ter um profissional intérprete para o uso de Libras. Outro ponto importante é enfatizar a expressão facial e corporal, construindo regras para facilitar a comunicação do grupo.

Ao atuar nessa área, todo o seu trabalho deve primar pela utilização de estratégias pedagógicas que:

- Ajustem os conteúdos que exijam audição (tonicidade e separação silábica, acentuação);
- Priorizem estratégias visuais na avaliação (ligue, desenhe, associe, indique etc.);
- Suprimam estratégias voltadas à alfabetização (letra *versus* som);
- Avaliem a produção escrita de forma diferenciada (segunda língua).

Área da deficiência intelectual

Talvez esta seja a área de maior complexidade para o trabalho pedagógico, pois em sala de aula ainda priorizamos o nível cognitivo diante das avaliações e dos conteúdos trabalhados. No entanto, o sujeito desta área tem o cognitivo rebaixado e não responde coerentemente com a idade que possui.

Aqui, o trabalho pedagógico deve ser desenvolvido com metodologias de ensino diversificadas, as quais contemplem estilos de aprendizagem variados. Também é preciso solicitar informações ou atuações com ordens claras e sequenciais ao invés de instruções gerais, explicações muito longas e pouco precisas, favorecendo, sempre que possível, a experiência direta, acompanhada de demonstração e mediação de um professor ou colega mais experiente.

Diante das atividades pedagógicas, as estratégias que mais se aproximam do deficiente intelectual são:

- Priorizar atividades e solicitar tarefas com breve duração e com objetivos distintos e hierarquizados pelas possibilidades de desempenho do aluno, lembrando que não adianta ensiná-lo a multiplicar se ele ainda não aprendeu a somar;
- Ser mais flexível com o tempo de realização das tarefas, respeitando o ritmo do aluno, mas sempre estabelecendo com ele metas a serem cumpridas, a fim de que, progressivamente, supere suas próprias marcas;
- Alternar trabalhos individuais e em grupos (duplas, trios ou mais) para avaliar em que circunstâncias suas respostas à aprendizagem são mais satisfatórias;
- Estimular a demonstração de habilidades e talentos individuais que extrapolem o conhecimento formal por meio de tarefas que exijam trabalhos em cooperação e ajudas mútuas, assim cada aluno será visto de forma positiva pelos demais;

- Diversificar as atividades de avaliação, uma vez que a ênfase na oralidade e na escrita, em detrimento de outras formas de expressão do conhecimento, prejudica aqueles que apresentam limitações nessas áreas;
- Avaliar o progresso diário do aluno e sua aprendizagem a partir das suas próprias produções, evitando compará-lo aos demais.

Procure saber mais a respeito da área da deficiência intelectual nos *links* a seguir.

<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-75902012000200009&script=sci_arttext>.




























<<http://www.scielo.br/pdf/ep/v38n4/10.pdf>>.

Área visual

Nessa área temos o sujeito cego, com baixa visão ou com surdo-cegueira. Portanto, a pessoa cega apresenta “desde a ausência total da visão, até a perda da projeção de luz”.

O processo de aprendizagem desses alunos é feito por meio dos sentidos remanescentes (tato, audição, olfato e paladar), utilizando-se o Sistema Braille – criado por Louis Braille, em 1829 – como principal meio de comunicação, pois é um sistema que traz a combinação dos seis pontos em relevo, os quais se transformam em leitura e escrita.

Os seis pontos tem 63 combinações, veja algumas delas no quadro que segue.

a	b	c	d	e	f	g	h	i	j
									
k	l	m	n	o	p	q	r	s	t
									
u	v	x	y	z	w				
									
,	;	:	.	en	!	()	"	in	"
									

As pessoas com baixa visão são aquelas que apresentam “desde condições de indicar projeção de luz, até o grau em que a redução da acuidade visual interfere ou limita seu desempenho”; seu processo educativo se desenvolverá, principalmente, por meios visuais, ainda que com a utilização de recursos específicos.

Qual a metodologia que devemos usar nesta área?

Para trabalhar com os alunos dessa área, você deve:

- Explicar verbalmente todo o material, as informações e os dispositivos apresentados em aula, de maneira visual, propiciando o sistema alternativo de comunicação: Braille, caracteres ampliados, recursos ópticos ou não ópticos (lupas, manuais de apoio, telelupa, cadernos com pautas escuras e alargadas, lápis 6B, contraste) ou tecnológicos *softwares* com sintetizador de voz;
- Suprimir objetivos e conteúdos que não possam ser alcançados pelo aluno em razão de sua deficiência, substituindo-os por objetivos e conteúdos acessíveis, significativos e básicos;
- Variar a temporalidade de conteúdos e critérios de avaliação, quando necessário, levando em conta que o aluno cego ou com baixa visão necessita de um tempo maior para realizar as atividades;
- Permitir a realização de provas orais, caso necessário, recorrendo a assessorias legais em provas de longos textos;
- Flexibilizar o tempo para a realização das tarefas e provas;
- Conceder tempo de descanso visual para alunos com baixa visão.

Além disso, para que seu trabalho seja de qualidade e atinja o aluno, utilize estas estratégias:

- Complemente os textos escritos com outros elementos (ilustrações táteis) para melhorar a compreensão;
- Adapte materiais escritos de uso comum (tamanho das letras, *softwares*

educativos em tipo ampliado, ampliador eletrônico de imagem);

- Posicione o aluno na sala de aula de modo a favorecer sua possibilidade de ouvir o professor;
- Promova organização espacial para facilitar a mobilidade e evitar acidentes (colocar extintores de incêndio em posição mais alta, pistas táteis, auditivas e olfativas para orientar na localização de ambientes, espaço entre as carteiras para facilitar o deslocamento, corrimão nas escadas, entre outros);
- Substitua gráficos, fluxogramas, tabelas e mapas por textos quando sua adaptação em relevo não for compreensível;
- Use sistemas de iluminação variáveis para evitar áreas escuras, principalmente nas salas de aula, nas escadas, nas entradas e nos corredores;
- Evite mudanças nas disposições dos mobiliários (ou preparar o aluno para elas) e obstáculos na sala ou corredores.

No caso do sujeito surdo-cego, você deverá compilar as adaptações das duas áreas para melhor auxiliá-lo.

Área da deficiência física

Inicialmente, é preciso pensar na acessibilidade arquitetônica, que se refere à eliminação de barreiras físicas em todos os ambientes da escola, como salas de aula, banheiros, cantina, biblioteca, além das suas imediações (as calçadas de acesso, inclusive os transportes coletivos).

Também é importante compreender as adaptações necessárias aos métodos e às técnicas de estudo desenvolvidos em sala de aula para a realização de tarefas individuais e grupais, destacando:

- O trabalho em colaboração;
- A mudança de objetivos e critérios de avaliação;

- A flexibilização do tempo para resolução de tarefas e avaliação;
- A implantação de formas alternativas de avaliação;
- A adoção de estratégias de interação;
- A comunicação diferenciada.

Nessa área, o currículo deve ser comunicacional, envolvendo todas as formas de comunicação interpessoal, oral e escrita, e virtual, compreendendo tabuleiros de comunicação, sinalizadores mecânicos ou tecnológicos, sistemas alternativos de comunicação baseados em desenhos, na escrita ou em outros códigos, e *softwares*.

As avaliações devem ter as adaptações necessárias aos métodos e às técnicas de estudo desenvolvidos em sala de aula para a realização de tarefas individuais e grupais.

Agora, leia o artigo “Participação de alunos com deficiência física no contexto da Escola Regular – revisão de literatura”, acessando: http://www.researchgate.net/publication/228503572_deficiencia_fisica_no_contexto_da_escola_regularReviso_de_Literatura_Participation_of_students_with_physical_disabilities_in_mainstream_schools-literature_review/file/79e4150b40c58e475d.pdf.

Área dos Transtornos Globais do Desenvolvimento

Nessa área, temos o Autismo, a Síndrome do Espectro Autista e as Psicoses Infantis, de acordo com a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, que são as pessoas com comprometimento comportamental e surtos psicóticos, embora algumas tenham grande desenvolvimento intelectual.

Você deve estabelecer claramente com os alunos os limites necessários para a convivência em um coletivo complexo e com atividades acadêmicas desenvolvidas em um ambiente que por si só tenha significado e estabilidade para o aluno.

Por isso, as estratégias pedagógicas devem buscar a forma mais adequada de comunicação para cada aluno e permitir que ele trabalhe com compreensão, prazer e maior autonomia possível. Assim, você precisa:

- Proporcionar um trabalho individualizado e, quando necessário, norteado por um Plano de Ensino que reconheça as necessidades educacionais especiais do aluno e a elas responda pedagogicamente;
- Sempre que possível, relacionar o que o aluno com TGD está aprendendo na escola com as situações de sua própria vida, pois manter a previsibilidade de ações e acontecimentos pode diminuir bastante a ansiedade do aluno que apresenta comportamentos não adaptativos.

Se você tem curiosidade para saber mais sobre o Autismo, leia o artigo “Caminhos da inclusão: possíveis percursos da escolarização da criança com autismo”, acessando o site: <<http://www.abrapee.psc.br/xconpe/trabalhos/1/63.pdf>>.

Área das Altas Habilidades/Superdotação

Aqui encontramos pessoas que apresentam a necessidade de suplementação curricular, pois demonstram habilidade acima da média, muito envolvimento com a tarefa e também criatividade, constituindo indicativos de Altas Habilidades/Superdotação.

É preciso proporcionar a esse aluno, dentro das possibilidades em sala de aula, o enriquecimento curricular, o qual prevê a reorganização das práticas, possibilitando o desenvolvimento do potencial do aluno. Assim, as estratégias pedagógicas solicitam:

- Reorganizar as práticas que pressupõe o envolvimento de toda a escola, e não apenas do professor;
- Organizar projetos de estudos, recursos e materiais pedagógicos variados que despertem o interesse e o envolvimento do aluno,

investindo no potencial ainda não demonstrado por ele.

Acessando o *site* da Scielo, procure mais acerca dos mitos e dilemas docentes no atendimento de crianças com Altas Habilidades/Superdotação.

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932010000100004>.

Agora que você já tem um conhecimento básico das diferentes áreas, poderá atender mais especificamente cada necessidade especial dos seus alunos, além de entender que eles têm interpretações diferenciadas frente aos contextos.

Referências

AMIRALIAN, M. L. T. *et al.* Conceituando deficiência. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 34, n. 1, p. 97-103, fev. 2000.

BRASIL. **Marcos Políticos-Legais da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: Secretaria de Educação Especial, 2010. 73 p.

SMITH, D. D. **O labirinto da confusa Educação Especial**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

Retomando a problematização

Agora, escolha a melhor opção para a situação apresentada no começo deste tema.

Opção 1: Tendo consciência de que o trabalho é árduo e impossível diante do autismo, procurarei manter um trabalho sem muitas articulações com esse sujeito, pois não existem avanços diante de tal deficiência.

Opção 2: O trabalho com sujeitos autistas demanda novas metodologias e estratégias pedagógicas, portanto, as atividades acadêmicas deverão ser desenvolvidas em um ambiente que por si só tenha significado e estabilidade para o aluno.

Opção 3: Como professor, encaminharei esse aluno ao serviço especializado, pois é a única coisa que posso fazer diante disso.

Veja os *feedbacks* no material *on-line*.

Síntese

A partir da temática abordada, buscamos dar a você embasamentos teóricos acerca das áreas que a Educação Especial atende para que o seu trabalho educacional seja alicerçado em estratégias condizentes com a sua realidade escolar, pois a práxis pedagógica nos possibilita inovar constantemente.

Para finalizar, acesse o seu material digital e assista ao vídeo da professora Liliane.

Atividades

1. Sabemos que a escola é uma organização/instituição de aprendizagem, a qual tem por objetivo culturalizar os sujeitos por meio dos conhecimentos e também colocá-los na sociedade para que possam buscar sua participação efetiva diante de seus direitos e cumprimento de seus deveres. Assim sendo, como deve ser a proposta para uma escola inclusiva? Assinale a opção correta.
 - a. A escola inclusiva tem a missão estratégica de ousar, opondo-se àquelas instituições que não têm visão de futuridade e que carregam pesados fardos da tradição e de estruturas voltadas ao insucesso, sem projetos.
 - b. A escola inclusiva é a mesma escola tradicional na qual estão postados os deveres de educar, não existindo novas propostas.
 - c. A segregação de espaços diferenciados na escola é uma proposta inclusiva, pois não é possível construir na totalidade a chamada escola inclusiva.
 - d. Uma comunidade inclusiva demonstra a aceitação das diferenças, embora atender diferentes deficiências não seja possível em um mesmo contexto. Portanto, a escola inclusiva não tem alicerce de sustentação.
2. Os grupamentos da Educação Especial são: deficiências, Transtornos Globais do Desenvolvimento e Altas Habilidades/Superdotação, certo? Então, agora, marque a alternativa que define corretamente o aluno com TGD.
 - a. Não existe uma definição para os alunos com TGD, pois são extremamente comprometidos e até sua inclusão escolar não é possível.
 - b. A definição do aluno com TGD ainda não foi publicada, tem-se apenas

- indicativos de que são antissociais.
- c.** São aqueles que apresentam alterações qualitativas das interações sociais recíprocas e na comunicação, um repertório de interesses e atividades restrito, estereotipado e repetitivo.
 - d.** Nessa área encontram-se somente os autistas, sujeitos atípicos e que apresentam diferentes condutas.
- 3.** Diante das diferentes áreas que a Educação Especial abrange, assinale a alternativa que mostra a melhor postura de um profissional da educação.
- a.** Sensibilizar as pessoas para que olhem o ser humano e não a deficiência.
 - b.** Não ter disponibilidade para mudanças e acreditar que o processo inclusivo não traz crescimento pessoal e profissional.
 - c.** O profissional deve entender que a inclusão é lei, mas manter resistências junto ao trabalho educacional faz parte desse processo.
 - d.** Não é necessário ter uma postura diferente diante da modalidade de Educação Especial, pois o trabalho deve ser mantido e aplicado a todos, sem adaptações.
- 4.** Em sala de aula, você tem um aluno com baixa visão, o que limita o desenvolvimento dele diante da aprendizagem. Como professor, que estratégias utilizaria? Marque a resposta correta.
- a.** O atendimento segue igual ao dos demais; o aluno com baixa visão não necessita de nenhuma adaptação, pois apenas não enxerga bem, mas pode ouvir e realizar os trabalhos.
 - b.** A estratégia diante do aluno com baixa visão será transcrever o material em Braille.

- c.** Acompanharia esse aluno individualmente para que ele não se sinta excluído.
 - d.** Utilizaria os textos escritos com outros elementos (ilustrações táteis) para melhorar a compreensão, também buscaria adaptar materiais escritos com letras maiores, e posicionaria o aluno na sala de aula de modo a favorecer sua possibilidade de ouvir o professor.
- 5.** Nesta área, o currículo deve ser comunicacional, envolvendo todas as formas de comunicação interpessoal, oral, escrita e virtual, com tabuleiros de comunicação, sinalizadores mecânicos ou tecnológicos sistemas alternativos de comunicação, baseados em desenhos, na escrita ou em outros códigos, e *softwares*. Você sabe de qual área estamos falando? Marque a resposta certa.
- a.** Área da deficiência física neuromotora.
 - b.** Área dos Transtornos Globais do Desenvolvimento.
 - c.** Área das Altas Habilidades/Superdotação.
 - d.** Em qualquer uma das áreas das deficiências podemos utilizar o currículo comunicacional, possibilitando o uso de diferentes *softwares*.

As respostas dos exercícios você encontrará no material digital.